

Vendedeiras de fruta de Avintes. — Gravura de Coelho.

A nossa gravura copia o quadro que na secção portugueza da exposição universal de Paris figurou sob o numero 1673, representando com muita felicidade uma das mais graciosas scenas, em que apparecem os regatões do Porto a comprar fruta ás mulheres de Avintes, que é o pomar da cidade eterna.

Povoação bellissima, com suas casas de granito, Avintes levanta-se sobre a margem do Douro, e braceja-se caprichosamente pelas collinas convisinhas. A estrada geral que sáe do Porto, e segue as sinuosidades do rio, é por aquellas alturas que se prolonga até ás fronteiras de Hespanha.

Avintes é freguezia do concelho de Gaya, districto administrativo do Porto. Os seus habitantes são desde muito notaveis pela sua industriosa actividade e aptidão aos trabalhos da agricultura. No fabrico do pão, e na cultura dos bellos fructos, com que diariamente abastecem os mercados do Porto, se empregam geralmente. Além d'isto esta tão interessante e tão util povoação recommenda-se por outro titulo aos olhos do artista. Ainda que alimenta com seus productos uma das cidades mais populosas da Peninsula, Avintes distingue-se mais por conservar religiosa e inalteravelmente os trages pittorescos dos seus antigos povoadores. Tudo alli veste manufactura portugueza, e as mulheres resguardam-se do sol esplendido, que amadurece os fructos dos seus ferteis pomares, usando de um grande chapeo de feltro, rodeado de borlas pretas, que trazem á lembrança alguns toucados do XV seculo.

Todo o empenho dos regatões, que compram por junto para vender a retalho, é não deixar chegar estas honestas aldeãs ao coração da cidade. É por isso que todas as manhãs lhes vão ao encontro, mesmo no porto, no sitio chamado Ribeirinha, especie de mercado, que tem por segundo plano as bellas margens do Douro, e onde se passa uma multidão de scenas animadas, que realçam a jovial simplicidade d'aquellas camponezas marginaes, simplicidade tantas vezes cantada pelos poetas, e sempre poderosa na sua inspiração. É n'aquelle logar e n'aquella hora que a antiga lealdade das bellas filhas dos campos se vê a braços com a astucia dos regatões, que de cada uma das nações, cujas bandeiras tremulam no rio, tem aprendido uma particular subtileza.

O sr. F. Augusto Schenck, natural do ducado de Holstein, naturalisado portuguez, e discipulo de M. Léon Cogniet, merece que o mencionemos com louvor pelo bom exito da pintura d'este quadro, não menos que pela sua dedicação extremosa ao estudo de um paiz que não é o seu, mas que adoptou como tal.

É por estes e outros resultados obtidos por alguns artistas, que com admiravel bom senso tem sabido tirar partido das circunstancias que se dão na vida e natureza de Portugal, que sentimos ainda mais o desleixo dos pintores viajantes, que com tanto talento tem reproduzido d'annos a esta parte, muitas paisagens da peninsula, mas que não tem frequentemente transposto a fronteira de Hespanha, e entrado no territorio portuguez. Se o fizessem teriam occasião de tirar partido do caracter e costumes de uma grande população, raça distincta da cidadã, que existe nos nossos campos, e é escrupulosa depositaria d'aquelles nobres e admiraveis sentimentos, que outr'ora conquistaram para o paiz o seu famigerado poder.

CONTEMPORANEOS CELEBRES DA INGLATERRA.

BRASSEY — DARGAN.

Hoje que o exercicio das armas deixa de ser moda, ha campos aonde se travam pelejas, incruentas sim, mas renhidas, e que para serem bem dirigidas carecem de generaes mais previdentes, e mais expostos do que os que se distinguem na guerra. Pondo de parte a diplomacia, a industria é hoje uma arena a que se não póde descer sem grande talento, e dotes naturaes, mas em que se colhem louros quasi sempre dourados; por isso encontram-se hoje na vida industrial homens verdadeiramente celebres, e cujos nomes hão de ser repetidos pela posteridade, com tanto mais enthusiasmo, quanto maior for o grão de civilisação a que se houver chegado: esses homens, que deveram não a mercês alheias, mas ao seu proprio trabalho, a sua elevação, esses hão de constituir uma respeitavel aristocracia, que o pó dos seculos tornará veneranda: os pergaminhos d'ella são altos, e feitos d'alvenaria e de ferro. Póde dizer-se que os heroes da industria levantaram com as suas proprias mãos os pedestaes, em que hão de ser admirados, e que deixaram á superficie do solo escripta em prolificos caracteres a sua genealogia. Quando a esses se lhes pergunta quem foram os seus ascendentes, elles respondem com ufania, que são filhos de si mesmos; que os seus avoengos são as suas proprias acções; que o seu morgado é o morgado de Adão, o trabalho; e que hão sido os architectos da sua fortuna.

Do numero d'aquelles homens celebres hoje, com uma celebridade pacifica, e proveitosa para o genero humano, é Thomaz Brassey, emprezário de caminhos de ferro, e cuja estatua figura já ao lado dos reis, no palacio da industria britannica. Brassey, nome bem conhecido, nasceu em Buerton, proximo a Chester, no anno de 1805, e começou a sua carreira na qualidade de medidor de terras em Brikenhead. A primeira vez que teve negocios com caminhos de ferro, foi para fornecer pedra para a construcção d'um viaducto, na linha de Manchester a Liverpool. Desde então continuou incessantemente a trabalhar em emprezas de vulto tanto na sua patria, como em paizes estrangeiros. A contar de 1846, Brassey tem construido sob sua unica responsabilidade, mais de 500 milhas de caminhos de ferro, representando um valor de nove milhões e duzentas e cincoenta mil libras esterlinas. Na França e na Hespanha, associado com mr. Mackenzie contratou 189 milhas d'estrada, pelo preço total de quasi tres milhões de libras. Na Escocia e na Inglaterra, contratou de sociedade com o referido Mackenzie, e mr. John Stephenson, desde 1844 a 1851, umas 511 milhas de caminhos de ferro, cuja importancia montava a sete milhões e duzentas mil libras.

Brassey tem vivido como um principe, e praticado acções que denunciam uma alma elevada. O viaducto de Barentin, sobre o caminho de ferro de Ruão ao Havre, era uma obra importante, de 27 arcos, e que estava apenas concluida, quando se subverteu, causando um prejuizo de trinta mil libras. Nem moral, nem legalmente, era Brassey responsavel por aquella perda; antes havia repetidas vezes protestado contra os materiaes empregados n'aquella construcção, e os advogados de França sustentavam que aquelle protesto o eximia de toda e qualquer responsabilidade. Pois bem, apesar d'isso Brassey quiz carregar com o onus d'aquelle desastre, e disse que uma vez que tinha contratado fazer e manter o caminho, não havia lei que o podesse impedir de desempenhar a sua palavra, e reconstruiu o viaducto á sua custa unicamente. Em sete mezes se concluiu aquella estupenda fabrica, para a qual foram precisos 16 milhões de tijolos, de que se fizeram alli mesmo 14 milhões. Brassey é hoje um grande capitalista, geralmente estimado, não tanto por causa dos seus haveres, como pelo util emprego que faz d'elles; e figura ao lado de Locke, Peto, e Stephenson, nomes que todas as emprezas de caminhos de ferro conhecem e acatam.

Depois de Brassey deve fallar-se de Dargan, tambem emprezario de vias ferreas, mais conhecido na Irlanda do que na Inglaterra. Guilherme Dargan, é irlandez, e começou, como Brassey, por ser empregado n'um escriptorio de medidor de terras. Nasceu no principio d'este seculo, em Carlow, provincia da Irlanda, e se alguma nobreza tiver devel-a-ha toda a si mesmo, pois é filho de paes humildes. Depois de ter servido no emprego sobredito, Dargan trabalhou com o engenheiro Telford, na estrada de Holyhead, e mais tarde contratou, por sua conta, a construcção da estrada de Howth, e algumas obras de canaes n'outras partes da Irlanda. Depois da invenção dos caminhos de ferro, Dargan tem sido o empreiteiro de todos os que sulcam a Irlanda; e quando as vias ferreas d'aquelle paiz estiverem concluidas, perto de 1000 milhas deverão a sua existencia á pericia e á actividade do pobre rapaz de Carlow. Dargan não se tem limitado no ramo de caminhos de ferro; além de os ter construido como empreiteiro, possue alguns propriamente seus; e demais é dono de barcos de vapor, cultiva o linho em larga escala, e é agricultor importante. Agora cumpre fallar da munificencia e do patriotismo d'este homem celebre nos annaes da industria. Quando se formou em Dublin uma commissão para se construir n'aquella cidade um palacio de cristal, Guilherme Dargan offereceu logo 20.000 libras, ou 90 contos de réis para aquella obra. Com razão é Guilherme Dargan presado dos seus concidadãos, aos quaes elle tem prestado tão valiosos serviços, tendo só em vista o bem publico, e não se intromettendo nunca nas desavenças politicas de que a Irlanda tem sido theatro.

* *

RECORDAÇÕES DE VIAGEM.

A Norma em *Convent Garden*. — Theatro do Strand. — Bailes publicos. — Uma noite em *Cremorn*. — O inglez dançando é outro. — Vauxhall. — O terremoto de Lisboa no *Colosseum*. — A Suissa perto de casa. — Exposição de m.me Tussand.

V.

A opera italiana em Londres goza de uma reputação universal. Com effeito os seus directores não se poupam a despezas para apresentarem aos numerosos *dilletanti* do reino-unido os mais famigerados artistas da epocha. É assim que a *Opera House* tem brilhado successivamente com o prodigioso talento de cantoras como Malibran, Pasta, Jenny Lind, Sontag e Grisi, e de cantores como Duprez, Tamberlick, Mario e muitos outros de egual nomeada. Por fortuna *Convent Garden* (1) abriu-se durante a minha residencia em Londres, e eu concorri a uma das primeiras representações da *Norma*. Foi para mim uma noite completamente cheia, aquella. Tudo o que póde fascinar os sentidos e elevar a alma ás regiões sublimes da arte, á contemplação do bello debaixo das suas mais variadas e seductoras fórmas, tudo, digo, encontrei alli para me absorver e maravilhar em delicioso e extatico sonho. Imagine, se póde, o caro leitor uma grandiosa sala de theatro, riquissimamente

(1) Este theatro ardeu no anno passado de 1856.

decorada com profusão de pinturas e dourados, brilhantemente illuminada e litteralmente guarnecida de espectadores; imagine, se póde, a graciosa vista de centenares de formosuras realçadas pelo luxo da aristocracia britannica, o variado matiz da grande platéa, em que as damas trajando ricas sedas e cobrindo o niveo collo e os braços decotados com os vermelhos manteletes, se assentam gentilmente entre os cavalheiros, diplomaticamente vestidos; imagine, se póde, a abertura sonora de uma symphonia executada por numerosa orchestra, e o curso de uma opera, em que a belleza das vistas corre parelhas com a riqueza do vestuario e com o immenso apparato de coristas e comparsas; imagine, se póde, o effeito suavissimo de uma angelica voz como a de m.me Grisi repetindo os ternos e melodiosos queixumes da alma inspirada do grande *maestro italiano*, e terá feito idéa, imperfeita sim, mas aproximada do que é uma noite no primeiro theatro de Londres. A opera foi magistralmente desempenhada. O duetto das damas, sobre tudo, teve uma execução sentimental e primorosa. Depois do primeiro acto a Grisi recebeu uma ovação dos frios mas intelligentes bretões, prova decisiva do seu raro merecimento. Voz pura e dulcissima, profundo conhecimento da arte, sympathica e garbosa apparencia de mulher e de actriz, taes são, no meu fraco entender, os dotes mais salientes d'esta insigne cantora. Posteriormente nos *Puritanos* tive ensejo de avaliar o timbre argentino da voz de Mario, o tom sentido do seu canto e a distincção da sua figura. O corpo de baile é numeroso e escolhido, mas não me ficaram d'elle admiraveis reminiscencias. O edificio, encravado n'um labyrintho de ruas estreitas, tem vastas e classicas proporções. O seu frontispicio imita o templo de Minerva, na Acropolis de Athenas, e o seu custo primitivo, sem contar as ultimas obras do interior, subiu a 150.000 libras. O salão proximo da platéa é adornado com todo o esmêro do *comfort* (¹) e da elegancia. Por elle vi sair para as suas carruagens muitas das bellas espectadoras abafadas com uns pequenos capuzes, que lhes ficavam elegantemente.

Deu-me um dia na cabeça em ir ao theatro do *Strand*, dirigido por m.me Vestris. Representa comedias e bailados. Do sal comico das ditas peças nada posso dizer, senão que vi rir a bandeiras despregadas inglezes e inglezas, misturados pela platéa e camarotes, e que tambem me ri, por fazer alguma cousa, da enorme semsaboria de uma gorda e quarentona actriz, que de chapeo de abas largas e vestido curto fazia de menina de 12 annos, e por vezes exclamava: *Oh papá!*

Os bailes publicos em *Argyl's Rooms*, Great wind mill street, attrahem todas as noites grande concurrencia. Damas e cavalheiros, como costuma dizer-se, pagam um shilling d'entrada, e até ás 11 horas, em que o lustre se apaga, despedindo o publico por esta fórma pouco ceremoniosa, mas sem replica, tem direito de dançar e conversar á vontade. As contradanças e walsas são dirigidas por dois mestres-salas, um dos quaes, impertigado como um Adonis de moderna data, erriçava desdenhosamente seu alto e ruivo topete, e ostentando um enorme medalhão pendente da casaca (pelo tamanho correspondia ao dos nossos commendadores) parecia soberanamente ridiculo. *If you plese*, (²) guinchava elle nos intervallos, quando, de regador na mão, advertia os passeantes do imminente risco de serem borrifados. O salão é vastissimo e convenientemente illuminado e mobilado. Tem salas lateraes para bebidas e uma galeria para onde costumam ir as pessoas que não tomam parte activa no divertimento. As inglezas que frequentam este salão apresentam-se bem, dançam com muito desembaraço e inculcam maneiras extremamente affaveis. Entre ellas vi mulheres de um distincto merecimento pelo lado physico. Do caracter pouco posso dizer, mas esse pouco não lhes é, por certo, desfavoravel. Eu amo a franqueza, a sensibilidade, a doce melancolia, e a mulher ingleza, anjo resplandecente ou anjo despenhado, pareceu-me sempre um bello typo d'estas qualidades.

Era na noite da abertura do *Cremorn gardens* (16 de maio), o primeiro jardim que annunciava a boa estação, quando tres patricios e eu nos mettemos n'um *cab* e seguimos a longa estrada de Chelsea. O tempo estava delicioso e a concurrencia chegava em alguns pontos do jardim ao classico «apertão.» Mais de 4,000 pessoas tumultuavam pelo vasto jardim. Havia ruas illuminadas, e bosquetes lateraes, a meia luz, para se tomarem refrescos. Em volta de um kioske chinez, que sustinha a banda marcial, estava um largo tablado para a dança ao ar livre. Foi um espectaculo verdadeiramente novo para mim e para alguns dos meus companheiros a vista de uma polka monstro, dançada por centenares de pessoas. É um turbilhão de figuras, de todas as condições e de todas as fortunas, sacrificando no altar da egualdade perante o prazer, e redemoinhando cadenciosamente ao som da musica festival. O inglez, entrando n'um *amusement's place*, (¹) despe a grossa casca de sua natural frieza, e faz-se jovial, quasi andaluz. A amabilidade das mulheres torna estas reuniões ainda mais interessantes. Conversa-se, dança-se, passeia-se, refresca-se o estomago, é-se gente n'uma palavra. Esta pacifica festança fez-me lembrar o S. João do meu Portugal, que nem sempre corre tão socegado. O divertimento concluiu por um abundante fogo de vistas, durante o qual uma audaciosa acrobata m.elle Luise Pauline volteava sobre uma corda collocada a grande altura. Era um espectaculo surprehendente ver esta mulher, ligeira como uma sylphide, cortar o espaço e ficar n'elle suspensa como por encanto. O estrondo e o brilho do fogo que espadanava muito por baixo d'ella, o relampejar das pedrarias do seu vestido, o fundo negro do firmamento, tudo isto augmentava o prestigio da phantastica bailarina. Nos passos mais difficeis os sumidos eccos das palmas lá lhe chegariam, talvez, para a indemnisar do grande risco, que então corria!

Depois de divagar uma tarde pelas extensas e ainda despovoadas passagens do Thamisa, fazendo horas para ir a Vauxhall, observei exteriormente o hospicio de Chelsea, cujos asylados, velhos marinheiros do tempo de Nelson, usam de chapeos armados, pouco mais ou menos pelo gosto dos invalidos de Paris. Ha alli um bairro novo em começo de edificação. As ruas estão traçadas e transitaveis. O terreno para as casas acha-se desentulhado na profundidade necessaria para o estabelecimento das cozinhas e despensas. As carvoeiras vêem-se já construidas sob as ruas com solidas arcarias de tijolo. Em pouco tempo todo este espaço estará cheio de casas para alojarem a crescente povoação. A final atravessei *Vauxhall bridge*, (²) onde se paga um ou meio penny — e mediante a esportula de 2 shillings e 6 pennys tive a permissão de entrar nos seus celebrados jardins. O *Grove* é um grande espaço quadrangular, plantado de arvores, e profusamente illuminado, com suas galerias cobertas, ao longo das quaes ha salas e grutas para n'ellas se cear. No centro está um pavilhão, onde varios artistas cantaram arias, duettos, e peças jocosas, que pelo sentido, entonação e expressão comica, promoviam estrondosas gargalhadas. Seguiu-se

(1) Tudo que proporciona commodidade.
(2) «Se é do vosso agrado:» frase de cortezia, com que se pede alguma cousa.

(1) Logar de divertimento.
(2) Ponte de Vauxhall.

uma pequena, mas linda exposição de vistas do norte, no genero de diorama, taes como navios no gelo e combates de marinheiros com os ursos. No circo tiveram logar varios, e alguns d'elles difficeis exercicios de gymnastica e de equitação. Um hespanhol, vestido em trajo andaluz, appareceu tocando espivitada e garbosamente a sua *pandereta*. Por ultimo os espectadores passaram ao campo do fogo artificial, que foi o mais lindo que tenho visto. No fundo do amplo espaço desenhava-se um palacio oriental, com os seus altos porticos e redondas cupulas, tudo illuminado com luz de diversas côres. A um tempo todo elle chammejava rolos de fogo, que successivamente iam affetando as fórmas mais caprichosas e tingindo-se de differente colorido. Os amadores começavam a dançar, quando, já alta noite, dei o serão por terminado.

O *Panorama de Londres* e o *Terremoto de Lisboa* attrahem ha muitos annos visitadores ao *Colosseum*. Fui lá uma noite. Subindo a aristocratica *Portland place* e tomando á direita no *Park crescent*, encontra-se a poucos passos a extremidade de Albany street, solitaria e larga rua, por onde se entra para a magnifica exposição de vistas do Colosseum. O edificio é, como costumamos dizer, «uma ilha,» e por vezes receei perder-me dentro d'elle. Os espectadores foram guiados atravez de extensas galerias a um elegante amphitheatro, em cujo proscenio, d'alli a pouco, começou a apparecer, ao som plangente do orgão, o soberbo panorama do Tejo, com as suas fortalezas, as suas montanhas e as suas risonhas aldeias. Quanto me alegrei ao ver, em terra estranha, a bella torre de Belem e o seu grandioso mosteiro, ultimos monumentos do meu paiz, que um mez antes avistára, e de que me despedira saudosamente! Em seguida o panno pretendia representar a Lisboa do meado do seculo XVIII, mas o pintor deu em vez d'ella, talvez por mais proximas e conhecidas, Hamburgo ou Rotterdam. Seja como for, tudo annunciava a aproximação e o desfecho de uma pavorosa catastrophe. A musica do orgão sumia-se a espaços nas contorsões da angustia, e a espaços prorompia nas tremendas notas do *dies irae*. Os ares toldavam-se de negras nuvens. A luz desapparecia. Fez-se então um silencio sepulchral, e os nossos ouvidos foram subitamente atordoados com o enorme estampido do *Lisbon's earthquak*, (1) que as trevas, para maior simplicidade do scenario, tornavam invisivel. No meio d'esta bulha infernal, que ás vezes provoca deliquios nas sensiveis inglezas, lobriguei a agitação das ondas encapelladas e dos navios desmastreados, e por fim um pequeno incendio. Assim se representa ainda hoje no quieto solo da Inglaterra um dos nossos maiores, e até certo ponto providenciaes desastres! Subi depois ao alto do fingido zimborio de S. Paulo, d'onde se descobre o soberbo panorama de Londres, vista durante a noite. Ahi é que eu fiquei completamente maravilhado. Não póde darse vista mais grandiosa, mais extensa, mais variada nem tambem illusão mais completa. O espectador tem com effeito a seus pés, pela consideravel altura em que está collocado, e pela ainda maior em que a fallaz perspectiva o figura estar, a vasta cidade allumiada pelos seus milhares de luzes. Se aquellas carroagens, que sobem *Ludgate Hill*, se aquelles viandantes que obstruem as ruas não fossem immoveis, elle julgar-se-hia realmente transportado pelo genio da arte ao pinaculo da classica cathedral. Este gigantesco panorama, devido ao talento de mr. Parris, tem uma superficie de cerca de 5,000 varas quadradas. Na artistica galeria circular que fica subjacente, estava uma pequena banda de musica, em que havia uma pianista. Observei successivamente as restantes curiosidades do edificio. Aqui descia-se a uma caverna fabricada de grandes massas de rocha com suas estalactites pendentes do tecto. Alli entrava-se n'um *chalet* ou casa suissa com os seus telhados salientes e a sua architectura simples e original. Ao pé jazia um lago, e junto d'elle uma serrania alcantilada, d'onde a agua se despenhava com grande fragor, derramando no ambiente uma estranha fresquidão. Mais ao longe uma ponte rustica de troços d'arvores, lançada de rochedo a rochedo sobre medonho precipicio, e superiormente as estrellas scintillando no firmamento (artificial, segundo creio) embellezavam este quadro de selvatica paisagem. Em certo sitio um pequeno oculo mostrava o interior de uma mina em cujas galerias e poços os pequenos e automaticos operarios alçavam as picaretas ou mexiam as pernas em differentes direcções, pelo modo grave e cadencioso com que o fazem os nossos trabalhadores em partido de obras publicas. Depois de ter discorrido, quasi só, pelos asperos desvios da romantica Suissa, aquartelados ao canto de uma casa para commodidade dos viajantes que não viajam, saí para o meio da rua. Eram 10 horas da noite.

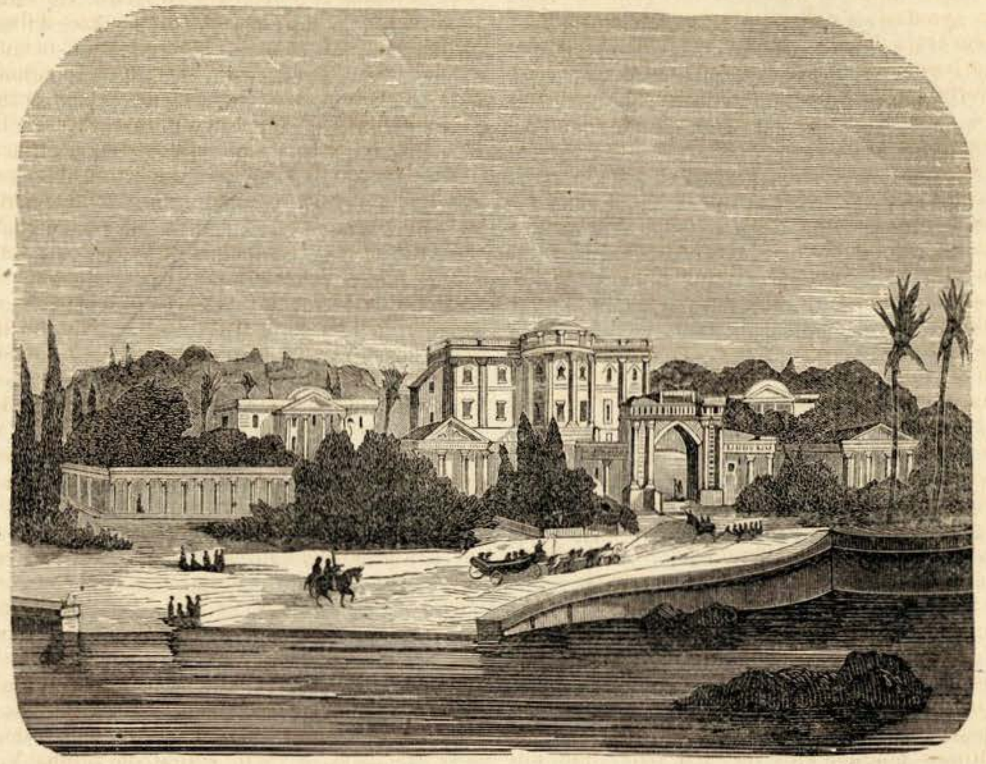
Gabaram-me a exposição de m.me Tussand, e posto que não dê grande apreço a este genero de espectaculos, quiz fazer idéa do que era a tão preconisada, e na phrase dos inglezes *delightful exhibition*. (1) Os salões são magnificos, e a collecção de figuras de cera vestidas em caracter é rica e numerosissima. No meio do salão principal está a brilhantissima corte de Henrique VIII com as suas 7 ou 8 rainhas, quasi todas bellas e quasi todas martyres. N'um dos topos vê-se, tambem, a corte actual da rainha Victoria, com os principaes *lords* (2) e homens d'estado. É superfluo acrescentar que todas estas figuras estão esplendidamente vestidas, e que a illuminação é tão viva, que deixa gozar as menores particularidades. Aos lados estão enfileirados quantos vultos importantes pelo seu talento ou posição, figuram no mundo ou tem figurado n'estes ultimos 50 annos. Pelo lado artistico notarei sómente a deslumbrante estatua de uma mulher dormindo. Succedeu-me o mesmo que aos passaros, que bicavam as acereijadas uvas pintadas por Apelles. Por alguns momentos julguei que aquella fria, mas bella imagem da natureza viva, respirava.... Tão perfeita, tão voluptuosa e tão inspirada me pareceu e appareceu!

A camara chamada de Napoleão contém figuras, moveis e diversos objectos, que se diz terem pertencido ao illustre capitão. Entre as primeiras distingue-se a do joven rei de Roma, collocado no berço imperial, e entre os ultimos a propria carruagem, que conduzíra o imperador a Waterloo e que ahi ficára no campo de batalha. Os inglezes gostam de repoltrear-se dentro d'ella. Na sala chamada dos *horrors* (3) estão as *veras effigies* dos grandes malvados nacionaes e estrangeiros. Mostra-se ahi um modelo da celebre guilhotina de 1792-94. Os bustos de algumas das victimas mais illustres d'ella, e de outros individuos justiçados em Inglaterra formam uma grande e repugnante collecção. A um canto vê-se um escuro carcere com a figura de um ancião veneravel, a quem os ratos comem o seu pedaço de pão. Representa o conde de Lorges na sua prisão da Bastilha, quando esta foi tomada pelo povo em 1789. Paga-se por entrar n'estes logares reservados a contribuição addicional de 6 pennys. Ha musica de vez em quando.

J. FELIX NOGUEIRA.

(1) Terremoto de Lisboa.

(1) Exposição deleitavel.
(2) Fidalgos, membros de uma das camaras do parlamento.
(3) Horrores.



Palacio do governo em Calcutá. — Gravura de Coelho Junior. / India /

Calcutá é a grande cidade do Indostão, no reino de Bengala, séde do governo geral da India ingleza, com jurisdicção sobre todos os outros estabelecimentos da mesma nação na Asia. Situada sobre o braço occidental do Ganges, chamado Hougly, 30 leguas distante do mar, ainda assim tem a vantagem de poderem chegar a ella as embarcações do mais alto porte que fazem a navegação das Indias. A cidade é moderna, e data de seculo e meio. Defende-a uma grande e forte cidadélla levantada pelos inglezes. A parte da cidade habitada por elles, é elegantemente construida de tijolo Os arredores offerecem o espectaculo das bellas construcções sobre terreno plano, matisado de jardins e casas de campo das pessoas mais abastadas.

Inda que os potentados do Indostão tem sido pouca cousa, e até dependentes da protecção ingleza, desde 1767 que hostilisam o poder britannico. O primeiro principe indio que o involveu n'uma guerra mui séria foi Hyder-Ali, soberano de Mysore, que lhe oppoz vigorosa resistencia a ponto de o obrigar em 1769 a fazer a paz. Depois d'alguns revezes, mas tambem de muitas victorias sobre os estados indianos, o poder de Hyder chegou a ser mais formidavel do que nunca, e por 1778 com razão se acreditava geralmente que o imperio da Gran-Bretanha n'aquella parte do mundo ia ser anniquilado. Aos felizes esforços do cavalleiro Eyre Coote se deveu o côrte dado no progresso de tão terrivel adversario, que acabrunhado sob o peso d'uma guerra, cujas despezas eram para elle enormes, desejou sinceramente a paz em 1782. Seu filho Tippou-Sultão tornou-se mais temivel e mais pertinaz em atacar o governo inglez. Mas após tres campanhas em 1790, 1791, e 1792, Tippou foi obrigado a acceitar condições mui onerosas. Tomando de novo armas contra os inglezes em 1799 perdeu n'um combate a vida, e com ella os estados, de que os triumphantes dominadores se apoderaram. Sempre que o espirito de insurreição, que nunca se abafou de todo entre os indigenas d'aquella parte da India, tem alli feito explosão formal, por meios quasi sempre impensados tem os inglezes debellado as revoltas, consolidando de mais em mais a sua dominação.

A ultima, e actual insurreição de Bengala, em que os inimigos da prosperidade britannica parecem pôr olhos esperançosos, apesar das proporções que tem tomado, póde obrigar a Gran-Bretanha a maiores sacrificios, mas parece-nos que está longe de ameaçar perda á India ingleza. A Inglaterra póde ter chegado ao apogeu da sua grandeza, mas d'ahi a conhecer-se que entra no periodo da declinação vae distancia incalculavel.

O palacio do governo colonial em Calcutá, não é sem elegancia. Consta de duas galerias semi-circulares, que se juntam no centro n'um vasto salão. Contém quatro linhas de soberbos aposentos. E pena que as columnas sejam de estilo tão pobre, e que em logar de ter simplesmente dois bellos andares e um rez-do-chão, tenha tres, todos mui baixos, e cortados de grande numero de janellas em cada direcção.

PRASOS DA COROA EM RIOS DE SENA.

Na epocha da conquista d'Africa oriental, na vasta região de Rios de Sena, consta que os primeiros portuguezes encontraram dois grandes potentados dominando esta parte d'Africa, um conhecido por *Monomotapa*, que ainda se conserva com este nome, no territorio que jaz na parte occidental do rio Zambeze; e o outro, que designaram pelo de *Monoemugi*, agora totalmente desconhecido por este nome; mas

que é sem duvida o *unde*, chefe dos povos Maraves, da parte oriental do mesmo rio Zambeze.

Um potentado por maior que seja o seu dominio, tem-no subdividido em districtos maiores, ou menores, que são governados por *mambos*, isto é, reis. Estes mesmos são ainda subdivididos, e governados por *fumos*, governadores. Os fumos obedecem e pagam os tributos immediatamente aos seus mambos, e estes ao mambo principal. Os segundos mambos são verdadeiros suzeranos.

Quando estes territorios passaram para o nosso dominio, conservaram-se sempre com os mesmos nomes e demarcações que tinham, como tem acontecido com as conquistas mais recentes. Deu-se então a cada uma d'estas suzeranias a denominação de prasos da coroa, e passaram-os para o dominio real. O antigo governo da metropoli, tanto pelo desejo de povoar a Africa de raça branca, como pelo de recompensar os serviços aos que iam servir lá, e tinham que lutar com os barbaros, com o clima, e com toda a especie de privações: n'esse bello tempo em que ainda se recompensavam os serviços pelos serviços, e não pelas protecções de peso: determinou que esses prasos fossem dados por sesmaria em tres vidas, mas só a viuvas de officiaes, e empregados que tivessem servido na Africa, ou suas filhas como dote de casamento, para n'elles se estabelecerem, preferindo sempre os europeus, e na successão a linha feminina, e n'esta a linha directa á colateral. Ninguem podia accumular mais de um praso. Á sombra e abrigo d'esta sábia providencia floresceram as povoações de Quillimane, Sena, e Tete, e de tal fórma que foram estabelecer as feiras da Manica e Zumbo, da primeira das quaes a villa de Sena, e da segunda a de Tete tiraram riquezas consideraveis. A civilisação progredia então, porque todos os costumes eram europeus, e os mesmos nativos tinham muito cuidado, e em ponto de honra, seguirem os habitos, costumes, e mesmo a linguagem portugueza.

Hoje tudo é o contrario.

O emphyteuta que recebia a mercê de um praso, ia estabelecer-se n'uma das villas a que elle pertencia, passando sempre n'elle uma boa parte do anno, procurando por todos os modos attrahir-lhe colonos livres, que vinham das terras dos cafres gozar garantias de liberdade e propriedade. Foi d'esta fórma que os prasos se foram povoando e cultivando. Os colonos reconheciam no emphyteuta as mesmas attribuições do mambo, com a differença de serem mais bem tratados por aquelles. O emphyteuta investia os fumos, que o praso podia ter segundo a sua extensão. Junto a cada fumo, mas em povoação separada, estabelecia um escravo seu, de confiança, a que chamava *chuanga*, que não era outra cousa mais do que um fiscal, para que o fumo não abusasse, usurpando o que lhe não pertencia; para a distribuição e cobrança dos tributos; para zelar em fim todos os interesses do emphyteuta.

Nas fronteiras do praso, em proporcionadas distancias, estabelecia egualmente outros escravos, como em postos avançados, para vigiarem e cobrirem o praso. Estes escravos chamavam-se *mucazambos*.

Exemplifiquemos.

O praso que era dividido em tres partes, ou districtos, tinha por isso tres fumos. Cada um administrava um d'estes districtos, e respondia pelos colonos que alli se estabeleciam, e que pela maior parte eram angariados por elles. Os fumos eram da escolha, e investidura do emphyteuta. A pratica seguida para isso era a seguinte. Faltava no praso o fumo do districto?... Informava-se o emphyteuta e deitava inculcas onde havia um fumo d'outra terra, que estivesse descontente, mas fosse poderoso em gente, isto é, tivesse grande povoação, e por isso désse signal evidente de que tinha maneiras para attrahir colonos. Informava-se mesmo se havia algum colono que fosse chefe de grande povoação. N'estes casos o chuanga do districto onde faltava o fumo, munido de um *chuabo* (20 fios) de missanga dirigia-se á povoação do individuo que se convidava, avistava-se com elle e lhe dava a missanga dizendo-lhe: *Que era bocca* (entre os cafres não se trata negocio algum, á excepção de compra e venda, sem primeiro quem o propõe dar alguma cousa á outra parte. A isto chamam *morômo*, isto é, bocca) *de seu amo para revoral-o para fumo do districto de.... da sua terra de....* Entre os cafres d'esta parte, a palavra *revorar* é synonimo de casar. No sentido moral os fumos consideram-se casados como mulheres do dono da terra, em consequencia da parte do dominio que tem no districto. O individuo que recebia a bocca raras vezes se decidia logo, e ficava em dar resposta definitiva. Então em conselho de familia consultava as mulheres, e os filhos principaes (são tratados por filhos todos os que vivem debaixo do seu dominio). Informava-se cabalmente das qualidades do districto proposto, assim como das da pessoa que lh'o mandava offerecer, de como ella se costumava haver com os colonos, não esquecendo tambem o ponto principal da *ombezação*, isto é, adivinhação, para saber se seria ou não bem succedido. Depois de ter colhido de tudo informações favoraveis participava ao chuanga, que estava prompto, e então tratava de *frucar*, isto é, mudar a povoação. A escolha de logar para o estabelecimento da sua nova povoação tambem não era objecto do acaso. Não dependia unicamente das qualidades locaes, mas sim da vontade dos *muzimos*, isto é, das almas dos seus antepassados. Para conhecel-a escolhe o logar onde deseja estabelecer-se; e alli onde calcula ser o centro d'elle, deixa um punhado de farinha de milho, e vinte e quatro horas depois vae ver o resultado. Se a acha intacta e no mesmo estado, é signal de que os muzimos reprovam aquelle logar, que é tido por elle como fatal. Então muda de logar, que por via de regra é proximo, e onde faz o mesmo, até achar a farinha espalhada e comida pelos insectos e aves, o que é signal de approvação, e bom agouro. Depois d'isto começa muito satisfeito a formar a povoação. Pela muita abundancia que ha de insectos, ratos, etc. poucas vezes acontece apparecer a farinha intacta na primeira consulta.

Estabelecido o fumo, e installado na sua nova povoação, junto com o chuanga (por via de regra o fumo não se apresenta ao dono do praso sem ir acompanhado do chuanga. Isto é de etiqueta) leva de bocca, seis ou mais gallinhas, ou um cabrito, ou uma ovelha ao *luane*, habitação, no praso, do emphyteuta. Quando o novo fumo se apresenta é coberto pelo seu novo amo, com um zuarte, dando-lhe mais um lenço, e um frasco de aguardente. Depois d'isto, que é a investidura, o fumo retira-se. Passado pouco tempo vae reconhecer e agradecer ao dono do praso, *preca-manja*, isto é, bater palmas. Leva para isso uma maxila de *gondo*, panno de algodão de fórma quadrilonga, grosseiro, mas mui forte, fiado e tecido por elles.

No seu districto é o fumo quem governa, e de todos os acontecimentos occorridos n'elle é quem toma conhecimento, dá providencias, ouve, e julga os *milandos*, pleitos, dos seus colonos em primeira instancia. D'elle ha appellação para o emphyteuta, e d'este para o capitão-mór, e juiz primitivo dos milandos (auctoridades constituidas nas villas). Entretanto raras vezes ha appellações do fumo. Os colonos, que se vem estabelecer no seu districto, é a elle que o participam. A povoação do fumo, a que chamam *muzinda*, não paga tributo de cearas, mas paga uma, duas, e mais das ditas maxilas de gondo,

annualmente, assim como uma porção de gallinhas, 6, 12, e mais, pela *insua*, que comeram os colonos. Insua é uma especie de formiga allada, que provém do muxem, a que no Brazil chamam capim. Estas formigas na estação do inverno, depois das grandes trovoadas e chuvas, saem da terra tomando o vôo, mas em grande quantidade. Os cafres n'esta epocha vão de noite pôr-se com fachos accesos defronte dos buracos da saida, e quando os insectos começam a sair em enxames põem-lhes panellas para onde vão entrando por si, e fazem assim um grande provimento d'elles. As insuas são do comprimento das vespas, mas mais grossas. É iguaria muito appetecida dos cafres. Comem-nas torradas com sal. Preparadas assim e depois de esfriadas, tem muita parecença com o sebo.

De dois em dois annos o fumo paga um escravo com a denominação de *mafupa*, isto é, os ossos da carne que comeram. O fumo póde aproveitar-se de toda a qualidade de caça, menos de *miru*, javali, e da parte inferior do elefante, com o seu competente dente, porque d'isto toma conta o chuanga, por pertencer ao emphyteuta. Quando ha precisão de reparo e concerto nas casas do luane, como côrte de madeiras para ellas, de palha para as cobrir, etc. o chuanga avisa o fumo para o mandar fazer pelos colonos. Quando as colheitas estão quasi em estado de se fazerem, o chuanga com o fumo procedem ao arrolamento para a cobrança do *maprere*, isto é, do tributo; e tantos são os fogos, ou casaes que estão sobre si, e chefes de familias, quantos são os pares de *quitundos* (sestos feitos de bambu que levam para mais de dois alqueires), que cada um paga, quer semeasse muito, quer pouco, e de que o chuanga toma conta por meio de nós que dá em uma corda que para isso leva. Depois de feita a colheita começa o chuanga a fazer a cobrança com assistencia do fumo, o que se pratica pondo sobre uma esteira o quitundo, medida. Depois de cheio cobrem-no do mesmo grão, de fórma que se não perceba o quitundo. Isto dá em resultado um monte de oito e mais alqueires

Acabada a cobrança, o chuanga distribue ao fumo fazenda para *inhamucangamiza*, isto é, compra forçada de milho. Se o anno é abundante costumam vender, em concorrencia, por uma peça de zuarte, 24 quitundos de milho. Estes quitundos de venda são mais pequenos, e andam por pouco mais de tres quartas, mas pela fórma porque se mede vem a dar mais de alqueire e meio. Para a *inhamucangamiza* o caso é outro, porque por cada zuarte que o fumo recebe ha de dar 40 quitundos, e são de medida mais crescida. O fumo sempre recebe este negocio contra vontade, e reparte a fazenda pelos colonos segundo as suas colheitas. Depois de distribuida a *inhamucangamiza*, não é pratica dar-se outra, e se por acaso o emphyteuta tem precisão de mais milho compra-o então pelo preço do mercado.

O fumo é obrigado por um costume cafre a hospedar qualquer passageiro, seja branco ou preto, a primeira noite que fica na sua povoação, com a differença que se o hospede é preto dá-lhe comer cozinhado, mas se é branco, ou tido n'essa conta, dá-lh'o cru, e vem a ser uma gallinha, e uma pouca de farinha de milho, e só comer cozinhado para o sequito dos cafres que leva. Ordinariamente sempre se lhe dá alguma missanga na occasião da partida, mas se nada lhe derem nada exige.

Toda e qualquer pessoa póde fazer uma povoação, casa, ou cultura em qualquer praso, e não precisa para isso de licença, com tanto que o terreno esteja inculto. Sendo colono preto o fumo respectivo o mette no arrolamento do *maprere*; mas sendo branco ou que goze d'essa cathegoria, o fumo nada tem com elle, e ordinariamente não paga contribuição alguma.

Ordinariamente é em julho que começam a deitar fogo aos campos incultos, cujas queimadas duram dias, e causam muitas vezes damnos, porque qualquer mudança repentina de vento póde dar ao fogo uma direcção prejudicial. Se o fogo faz prejuizo, e se sabe quem o deitou ha questões renhidas, mas não ha crime em deitar fogo. Os campos incultos e que não são povoados de bosques ou matas, são cobertos de uma planta similhante ao nosso balanco da Europa, mas que cresce á altura de mais de uma braça, e tão fechada que se não póde romper por ella. Começa a seccar no fim de maio, e quando já está sêcca, deitam-lhe fogo tanto para tirar abrigo ás feras, como para desembaraçar caminhos.

No mez de outubro é que geralmente começam o trabalho da *colina*, cultura. Sendo povoação novamente estabelecida, cada um escolhe o logar em que ha de fazer a sua, e por occasião d'esta escolha ha sempre contendas pela sofreguidão de todos, que apesar da extensão do terreno que ha inculto, todo o campo lhes parece pequeno antes do trabalho. A sementeira começam-na raspando com a enxada todas as hervas que estão á superficie da terra, mas sem a cavarem. A terra não leva adubo algum além das hervas que cortam e de que vão fazendo montes a que deitam fogo. As cinzas, porém, ficam no mesmo logar, porque não fazem esta queima para aproveitarem o adubo, mas unicamente para consumirem as plantas parasitas.

Feito assim o primeiro amanho começam a sementeira, mesmo sem ter chovido, e juntam n'ella milho, feijão, abobora, pepino, e melancia, tudo misturado e semeado ao covato, e apenas coberta a semente com a terra. Com as primeiras chuvas começa a germinação, e ao mesmo tempo a brotarem as raizes parasitas, que ficaram na terra, mas com uma fôrça tal que abafam as sementes. É n'esta occasião que os mais sofregos de terreno se convertem em humildes supplicantes, pedindo que os ajudem na sacha, porque a vegetação é pasmosa n'esta estação de excessivo calor e de chuvas, passando mesmo dos rogos a offerecer um quinhão da colheita a quem lhes ajudar ao trabalho. Por fim abandonam uma parte para salvar o resto, porque, como todos n'esta epocha estão com egual trabalho, não ha quem largue o seu para acudir ao alheio. Estas sachas repetem-se tantas vezes quantas são sufficientes para que a cultura tome força para cobrir, e assombrar as parasitas, e só então é que cessa o trabalho de ordinario no mez de fevereiro. Muitas vezes, se o tempo tem ido bem, isto é, se tem havido chuvas regulares, quando chegam com a sacha ao fim da sementeira tem de recomeçar logo no principio, porque em poucos dias tem as parasitas tomado grande crescimento, e mesmo porque este trabalho se faz pelo mesmo systema do preparo para a sementeira, isto é, raspando sómente a terra, cortando as plantas, e deixado-lhes as raizes.

(Continúa) GAMITTO.

CAÇADA NAS IMMEDIAÇÕES DE LAHOR.

Lahor é uma grande cidade da Asia, no Indostão, capital da provincia do mesmo nome, uma das maiores e mais bellas do imperio mogol. Tem muitas mesquitas, banhos publicos, caravanseraes, e pagodes. Já chegou a ter tres legoas de comprido. Hoje mostra-se decadente. O palacio dos mogoes é sufficientemente bello para um paiz em que á architectura se não fazem grandes honras. A caça em Lahor é um divertimento real e admiravel. Ouçamos o que a respeito d'ella escreveu Burnes na sua *Viagem a Bokha-*

ra, feita com o fim de seguir o curso do rio Indo.

«Uma semana depois da nossa chegada, recebemos do maharaja, segundo a promessa que nos fizera, convite por escripto para o acompanharmos n'uma caçada. Elle proprio tinha já saído da capital, e enviava-nos quatro elephantes para nos conduzirem e ás nossas bagagens. Subimos a elles, e tomámos pelas bordas do Ravy o caminho que a corte seguira. Passámos uma hora no famoso jardim de Shalimar, que então estava mais bello que nunca.... Na manhã seguinte chegámos ao logar em que Runjeet estava acampado. Por todo o caminho tinhamos encontrado soldados, correios, e portadores carregados de fructos e de alimentos raros. Desde a nossa saída de Lahor, distante umas seis legoas, tudo annunciava que encontrariamos grande concurso de gente. Um rajah com o seu sequito, montados sobre elephantes, nos saiu ao encontro na distancia d'uma milha, e nos conduziu para o campo estabelecido á borda d'agua. A proporção que nos aproximavamos augmentava a magnificencia do panorama. Um grande pavilhão de panno vermelho, servia de residencia a Runjeet. As tropas e os chefes estavam acampados á roda em grupos pittorescos. As tendas que tinham levantado para nós eram mui elegantes, de panno escarlate e amarello: tapetes de cachemira, e peças de setim francez lhes cobriam o chão interior. Não foi sem hesitação que puz pé sobre tecidos tão preciosos. Em cada tenda havia uma cama de campo com cortinas de seda amarella e colchas do mesmo genero....

«Na manhã immediata, pelo meio dia, começou a caçada. Runjeet montava um magnifico cavallo coberto de elegante xairel, ricamente bordado, representando quasi todos os animaes, inclusivè passaros, sobre que os caçadores exercem a sua destreza. Elle proprio ia vestido com uma tunica de cachemira verde, bordada de pelles. No seu punhal resplandeciam pedrarias, e um leve escudo de metal, presente do ex-rei de Caboul, lhe pendia do braço esquerdo. Seguiam-no muitos elephantes: precedia-o uma matilha, cujos cães, de differentes raças, eram uns do Sinde, outros de Bokhara, outros de Iran, ou dos seus dominios. Os falcoeiros levavam os seus nobres passaros, que ora batiam as azas, ora agitavam guisos presos aos pés. Uma companhia de infantes se estendia por uma linha immensa, com duzentos ou trezentos cavalleiros, a bater a caça. Nós avançámos atraz dos picadores, que, armados de grandes alabardas, desencantaram logo a caça. O acaso quiz porém que n'este dia, em logar de tigres, não encontrassemos senão javalis. No espaço de meia hora oito cairam por terra, e outros tantos ficaram nas armadilhas. A maior parte dos primeiros foram mortos a golpe de sabre. Alguns tinham sido primeiro feridos por uma peça de campanha que disparava metralha. Talvez que esta caçada não interessasse os nossos caçadores da Europa, pois que os javalis não tinham nenhum meio de evasão: entretanto sempre era um espectaculo curioso. A scena passava-se n'um plano coberto de hervas altas atravez das quaes nos era ainda assim facil, encarapitados como estavamos sobre grandes montanhas moveis, ver galopar os cortezãos, cujas roupas de brilhantes côres, produziam bellissimo effeito. O proprio Runjeet via cair cada animal, mas tinha o cuidado de afastar a vista quando o estripavam. No fim de hora e meia volvemos ás tendas, e lá Runjeet recompensou aquelles seiks que se tinham distinguido pela destreza. Foram depois trazidos os javalis vivos, e presos por uma perna a um poste, excitaram os cães a combatel-os. E divertimento cruel que não offerece attractivos. A coragem e o ardor d'estes pobres animaes eram mantidos deitando-se-lhes agua por cima do corpo. Algum tempo depois se ordenou que dessem liberdade a todos, para que podessem ir exaltar a sua humanidade, dizia Runjeet. Isto feito os javalis abriram furiosos passagem por entre a multidão que enchia o campo, e os desorientava ainda mais com o som de estripitosas gargalhadas.»



Caçada nas immediações de Lahor.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão, Rua da Boa-Vista 4 B